

## O DIVINO ENCONTRO EM SÃO PAULO: UMA CELEBRAÇÃO INSPIRADA NO DIVINO ESPÍRITO SANTO

**Resumo:** Este artigo procura apresentar a importância da festa “Divino Encontro” no cenário cultural paulista. Realizada na região dos bairros da Bela Vista e Consolação, homenageia as tradicionais Festas do Divino Espírito Santo e em parceria com a comunidade e a principal escola pública do bairro, realizam uma revitalização da história da origem dos bairros que tiveram como moradores os açorianos, vindos dos arquipélagos dos açores, em Portugal. Atualmente a comunidade se mobiliza para realizar a festa todos os anos e busca convidar os demais membros da comunidade nesta iniciativa.

**Palavras-chave:** Divino, Festa, Cultura, Mito.

**Abstract:** This article presents the importance of the feast "Divine Encounter" in the cultural scene in São Paulo. Held in the region of the neighborhoods of Bella Vista and Consolation, honors the traditional celebrations of the Holy Spirit and in partnership with the community and the main public school district, held a revival of the early history of the neighborhood as residents who had the Azorean coming from the Azores, Portugal. Currently the community is mobilized to make the festival every year and seeks to invite other members of the community in this endeavor.

**Keywords:** Divine, Party, Culture, Myth.

**Resumen:** Este artículo presenta la importancia de la fiesta "Encuentro Divino" en la escena cultural en São Paulo. Lugar: en la región de los barrios de Bella Vista y la Consolación, y honores de las celebraciones tradicionales del Espíritu Santo y en colaboración con la comunidad y el distrito principal de la escuela pública, que tuvo lugar un renacimiento de la historia temprana de la zona de los residentes que tenían las Azores procedentes de las Azores, Portugal. Actualmente la comunidad se moviliza para hacer el festival cada año y tiene por objeto invitar a otros miembros de la comunidad en esta tarea.

**Palabras clave:** Divino, Fiesta, Cultura, Mito.

## **Introdução**

### **As festas populares no Brasil**

As festas populares no Brasil são sem dúvida uma das manifestações culturais mais importantes e mais presentes em nossa identidade cultural.

Segundo Caillois (1950) festa é definida como o *“paroxismo da sociedade (ideal), que purifica e que ela renova por sua vez. Ela não é seu ponto culminante apenas do ponto de vista econômico. É o instante da circulação de riquezas, o das trocas mais consideráveis, o da distribuição prestigiosa das riquezas acumuladas. Ela aparece como o fenômeno total que manifesta a glória da coletividade e a revigoração do ser: o grupo se rejubila pelos nascimentos ocorridos, que provam sua prosperidade e asseguram seu porvir.”*

No Brasil, as festas estão relacionadas ao agradecimento ao que foi conseguido pelos meios de trabalho, produção e distribuição oriundas das técnicas de sobrevivência.

Nosso calendário, e recheado por essas festas populares e religiosas. No XV seminário de comunicação do Banco do Brasil, realizado em agosto de 2010, Marcelo Dantas, produtor cultural citou em sua fala sobre Política de patrocínios no Brasil que somente no estado de Sergipe, o estado tem 3.100 festas por ano, praticamente, segundo ele “uma festa por hora” durante os 365 dias do ano.

Mas como essas festas se tornaram importantes manifestações para a cultura brasileira?

As primeiras festas realizadas têm início no Brasil no período da colonização. Daquele período até hoje, se destacam as festas religiosas, sobretudo as católicas. Se observarmos alguns aspectos de nossas influências culturais - negros, índios e europeus – esses colaboraram significativamente para a realização das diversas festas e manifestações culturais.

Através de um dado de 1999 podemos notar a importância das festas religiosas brasileiras. No referido ano, o Governo Federal através do Ministério do Esporte e Turismo em parceria com a Arquidiocese da cidade do Rio de Janeiro e a Embratur, publicaram o catálogo Roteiro da Fé Católica. Nele, foram publicadas as mais significativas festas religiosas brasileiras.

As festas católicas são divididas pelos solstícios. Segundo Araújo (2007) há uma inter-relação entre festas e solstícios. Falando no enfoque territorial, as manifestações do

folclore, das festas, acontecem no período solsticial de verão nos estados nordestinos e no inverno, a concentração das festas fica por conta do centro-sul.

Ainda segundo o autor, as quatro grandes festas no Brasil, incluindo uma de origem “profana” são: Natal, Carnaval, São João e Divino Espírito Santo. Essa última tem grande importância na zona rural brasileira e cada vez mais chega para as grandes metrópoles brasileiras. Falando em especial da Festa do Divino Espírito Santo, como essa manifestação cultural pode colaborar com uma mobilização popular em torno de sua realização?

### **Origem da Festa do Divino: O mito do Sebastianismo**

A origem e representação da Folia do Divino no Brasil nos remetem a Portugal do século XVI e XVII. Nesta ocasião surge o Mito do Sebastianismo.

D. Sebastião, neto de D. João III foi o décimo sexto rei de Portugal. Foi denominado o “Desejado”. Com apenas 14 anos de idade, assume o trono com grande fervor religioso e militar. Em 1580, com a perda da batalha em Alcácer-Quibir no ano de 1578, D. Sebastião desaparece levando aquela região a crise dinástica de 1580, fazendo surgir o Mito do Sebastianismo, onde o povo português acreditava que o jovem rei, desaparecido no meio da guerra, resurgiria para realizar uma espécie de salvação do povo.

Considerado um novo messias que salvará a tudo e a todos, através da ressurreição de um morto considerado herói para muitos.

D. Sebastião é uma figura que representa para alguns admiração, e para outros ódio, inspira paixões e atiza polemica. (MEGIANI, p.5).

Oliveira Martins em seu livro História de Portugal, publicado originalmente em 1879, relata de forma muito consistente a importância do mito do Sebastianismo para o povo português afirmando:

*“(...) o povo, deprimido e miserável, nada confiava nem esperava dos homens: pedia tudo a Deus, e a um milagre. Como os antigos judeus da Palestina, os Portugueses tinham amassado com as suas lágrimas a quimera do messianismo. Devastada, vencida e por fim vendida, a Nação era um campo santo; os homens como sombras; as agitações messiânicas, espécie de fogos-fátuos que ondeavam no ar, suspensos na atra sombra da noite do infortúnio. Os Macabeus de 1580 não tinham sabido menear a espada; e o povo, perdido o sentimento, da sua realidade, como todo e*

*como força, abandonava-se a esperar a volta do Messias, D. Sebastião, o príncipe encantador, a divina criança, que soubera aspirar para a salvação comum, que viria decerto redimir a Nação!”*

A inquisição católica reprimia veemente o Sebastianismo sendo que Frei Miguel dos Santos ou Frei Estevão Caveira de Sampaio, defensor pregador do mito, foi enforcado e esquartejado.

Esse reflexo do mito do sebastianismo na cultura brasileira deve-se a tradição pentecostal portuguesa, que através dos festejos populares da coroação do Menino Imperador do Espírito Santo e da coroação de dois pobres como reis, no qual a inquisição reprimiu, se espalhou através dos Açores no Brasil. Os Açorianos eram moradores das ilhas Açores, no arquipélago da Dorsal Média Atlântica, responsáveis por realizar expedições dos descobrimentos para as chamadas Carreira da Índia e das frotas da prata para o Brasil.

Em fins do século XIII, a pedido da rainha Isabel, foi incorporado às celebrações sacras portuguesas, em Alenquer, após a expulsão dos mouros naquela região.

Segundo Quadros (1987) a Festa do Divino Espírito Santo, lançou raízes na alma do povo brasileiro. Se em 1822, o Brasil, se tornasse independente, o povo já estaria habituado a chamar o país de Império do Espírito Santo.

### **Surgimento da Festa do Divino no Brasil**

Segundo registro de alguns importantes autores sobre folclore e cultura popular brasileira (Cascudo, 1962; Moraes Filho, 1999; Araujo, 2007) recebemos a Festa do Divino Espírito Santo através de Portugal, quando fomos colonizados.

De norte ao sul ela acontece de forma diferente, mas mantendo como elementos comuns a pomba branca, a santa coroa, a coroação de imperadores e a distribuição de esmolas. Segundo Jurkevics (2005), no Brasil a festa se inicia no Domingo da Páscoa com o levantamento do mastro da Bandeira do Divino, quando são escolhidos o festeiro, o capitão do mastro e o alferes da bandeira. A partir dessa data e durante os quarenta dias seguintes, os integrantes da Folia do Divino percorrem a região circunvizinha, conduzindo a bandeira, visitando as casas e recolhendo donativos, em dinheiro, alimentos ou objetos para serem leiloados. Os músicos da folia, em versos musicados, pedem ao dono da casa que os deixe entrar e levar, até seus familiares, a Bandeira do Divino.

Após o consentimento, a festa se inicia. A Bandeira é colocada “em altar”, é beijada, e as pessoas oram em conjunto, reforçando os laços de sociabilidade, num momento de confraternização espiritual. Ao término desse período, o festejo concentra-se na igreja local, cujo ponto alto é no sábado e no Domingo de Pentecostes, quando os devotos “recebem” o Divino Espírito Santo, assim como os apóstolos o receberam, em Jerusalém. Por isso seu símbolo é a pomba branca, que representa o Divino Espírito Santo.

Na festa, sagrado e profano se encontram, gerando até uma grande polêmica para a igreja católica. No final do século XIX, foi considerada pelos padres ortodoxos como uma festa de excessos e com características de abuso de fé.

Os elementos pertencentes a realização da festa giram em torno de um casal de crianças, denominado imperio ou reinado, que são vestidas com trajes de nobres e tratadas com tais durante os dias da festa, com toda pompa e regalia.

Ao final de cada festa, imperador e imperatriz repassam seus cargos aos mordomos que ocuparão no ano seguinte, recomeçando um novo ciclo da festa.

Temos também as chamadas caixeiras, senhoras devotas que catam e tocam caixa acompanhando todas as etapas da cerimônia. Geralmente essas mulheres moram nos bairros periféricos da cidade. É sua responsabilidade não só todos os detalhes do ritual da festa como também o do repertório musical, e possuir o dom do improviso para lidar e responder qualquer situação indesejada ou imprevista.

As pessoas que fazem parte da Festa do Divino, são consideradas portadores de virtudes que pela crença geral, afugentam doenças dos homens, animais e pragas de plantações.

Sua realização gira em torno do agradecimento, por todo o ano vivido, pela colheita, pelas bênçãos derramadas nas vidas dos realizados e fiéis que seguem o ritual. Neste momento, aquilo que é considerado profano se manifesta através das atrações de comemoração como as cavalhadas, touradas, bailados do moçambique, da congada e do caiapó, danças de batuque, jongo, cateretê, cururu e fandango.

A seguir, algumas características de duas festas que acontecem no interior do estado de São Paulo. São elas:

Tietê: A festa tem sua origem baseada na triste história da epidemia de maleita que matou muitas pessoas, por volta do ano de 1830. O povo então fez a promessa ao Divino Espírito Santo para que acabasse com a doença e em sua homenagem, seria feita uma festa anual. Repete-se aqui o ritual dos Irmãos do Divino que no passado iam com batelões até os sítios mais distantes prestar socorro às famílias que sofriam com a epidemia.

Atualmente, os Irmãos viajam por quarenta dias, rio acima e rio abaixo, levando a imagem do Divino e arrecadando donativos pela zona rural em benefício da festa. Passam a noite em residências onde já são aguardados, sendo recebidos com jantares, cantorias e muita gente, sendo este momento chamado de "Pouso do Divino".

No último sábado do ano, o dia da Festa, acontece o tradicional Encontro das Canoas, e o povo desce as margens do rio para também prestar sua homenagem ao Divino Espírito Santo.

São Luís do Paraitinga: Uma das festas religiosas mais populares do Estado de São Paulo. começa sempre na sexta feira de pentecostes de cada ano. Tem duração de 10 dias, nos quais são realizadas cerca de 20 procissões. O dia principal da festa é conhecido como Grande Dia. A cidade é despertada por volta das 6 horas da manhã com o toque da alvorada, realizado pela banda de música e pelo batuque da congada. As missas e apresentações folclóricas se revezam. Congadas, moçambiques, pau-de-cebo, o casal de bonecos João Paulino e Maria Angu, cavalhada, distribuição de doces para o povo, brincadeiras para as crianças, como as corridas do ovo e corrida de saco. Há também a distribuição gratuita aos visitantes da festa de um prato caipira típico, o afogado.

### **O Divino Encontro: Festa na capital paulistana**

Inspirada na *“devoção ao divino espírito santo”* – segundo Fátima Correa, presidente da Organização não Governamental Sol do Vale é realizada uma festa de rua, na região conhecida popularmente como “baixo augusta”. Essa festa leva o nome de Divino Encontro.

Desde 2007 recebeu esse nome de “Divino Encontro” pois procura manter alguns elementos que remetem a uma tradicional celebração ao Divino Espírito Santo.

Após uma visita na cidade de São Luís do Paraitinga em 2007, Fátima, moradora da região da Bela Vista e devota apaixonada do Divino, decidiu buscar apoio da comunidade, igreja e outros órgãos competentes para colocar a festa nas ruas de São Paulo.

No primeiro ano de realização da festa em 2008, buscou o apoio da igreja da Divino Espírito Santo, mas na ocasião não teve sucesso. Mesmo assim naquele ano, realizou a festa com muitas dificuldades mas teve uma receptividade positiva de alguns moradores e visitantes do evento. Contando com o apoio da escola estadual da região e de algumas outras pessoas e órgãos que se simpatizam com o objetivo da festa.

A realização deste evento tem também como objetivo, realizar uma revitalização da história da origem do bairro. Segundo levantamento feito pela própria Ong Sol do Vale, houve uma espécie de colonização de açorianos em torno da Igreja do Espírito Santo. Hoje esses nomes figuram como os nomes das principais ruas da região da Augusta-Consolação: Paim Vieira, Paim Pamplona – principais figuras responsáveis pela construção da Igreja.

Em anos bem remotos, a festa do Divino Espírito Santo, aconteceu nessa região, por volta de 1881. Naquela época, as regiões da bela vista – consolação eram divididas territorialmente por chacáras e sítios. O Sítio que deu origem ao bairro chamava-se Capão, por conta de uma grande floresta de muitos séculos que hoje é conhecida como parque Trianon.

Quando a família de José Paim Pamplona, se instala no Brasil, sua esposa, Francisca Cândida Borges Paim, fica doente e retorna a Portugal, para tratamento. Leva suas duas filhas e deixa no Brasil, seu marido. Acontecia nesta época uma epidemia de febre amarela e peste bubônica. Francisca então, promete ao Divino Espírito Santo a realização de uma novena de agradecimento se a praga não atingisse seus parentes, marido e amigos. Quando regressa ao Brasil, um ano depois, encontrando todos ilesos e imunes a epidemia, a promessa não é cumprida, pois o árduo trabalho impede sua concretização. Em São Paulo, Francisca conta ao marido José Paim sobre a promessa não cumprida. José Paim convida então os moradores da redondeza, maioria formada por açorianos para realizar a primeira novena em cumprimento ao voto de sua esposa. O sucesso foi tanto que desperta nos participantes o desejo de realizá-la todos os anos. Então cria-se a Irmandade do Divino Espírito Santo. Mais tarde houve uma mobilização da comunidade em arrecadar prendas,

dinheiro, promovem leilões, doação de dias de trabalho e do terreno por Mariano Antonio Vieira para a construção da primeira capela, que levou o nome de Divino Espírito Santo.

Devido sua estrutura e falta de capacidade para abrigar tantos devotos a capela não resistiu muito tempo, e houve a necessidade de demolição. Começa uma nova mobilização para a construção da segunda capela e em 1887 houve a reinauguração da igreja com missa rezada por Cônego Eugenio Leite.

Lembrando da promessa que não conseguira cumprir, Francisca Cândida, com problemas de visão, é submetida a uma cirurgia, e realiza uma nova promessa ao Divino Espírito Santo: realizar uma festa nos moldes dos Açores, respeitando a data de Pentecostes, se nenhuma sequela acontecesse.

A cirurgia foi um sucesso e a festa passou a ser o grande acontecimento do povoado, atraindo pessoas de outras regiões e vendedores ambulantes que aproveitavam o movimento intenso para arrecadar um dinheiro extra. Nos nove dias de festa, eram realizadas missas, quermesses, leilões, e o coreto era todo enfeitado com a Bandeira do Divino e as ruas recebiam uma decoração especial com bandeirolas, bambus, lanternas e flores confeccionadas manualmente, tudo regado a muito música, danças típicas, procissão, bingos e foguetório, além das comidas especiais feitas para a data como os pães, biscoitos e sopas. Não se encontrou registros de quando a festa deixou de ser realizada, mas a partir de um determinado ano, a festa foi feita em apenas um dia, até deixar de ser realizada.

Segundo relatos dos representantes da Ong Sol do Vale é realizar o Divino Encontro, e utiliza-lo como apoiador da fortificação da memória do bairro: como ele surgiu, como isto influencia a cultura do bairro, da capital paulista e por que não dizer do Brasil.

*“Queremos que o povo se contagie com a energia e amor do Divino Espírito Santo, queremos quebrar paradigmas de que o centro de São Paulo é apenas um lugar de passagem ou que a região deve ser caracterizada como um boulevard gay como muitos a querem transforma-lá. Existem muitos moradores que vivem em uma situação de miséria, de pobreza em torno da região da avenida Paulista, da rua Augusta, do shopping Frei Caneca. A região é muito grande e essas pessoas também são atores principais na evolução do bairro”, afirma Fátima.*

Com atrações de várias partes de São Paulo, e trazendo alegria a uma comunidade marginalizada na região da Bela Vista – Consolação, há uma energia positiva quando se está presente na festa. Em todo o encerramento, pessoas presentes na festa, moradoras ou não, ficam sempre na expectativa do próximo ano.

Os organizadores da festa desejam que as pessoas saiam com a mensagem dos sete dons do divino na sua memória e coração. Essa mensagem está associada à chegada de um mundo melhor, mais justo e sábio. São representados por : Deus – Roxo: Fé, Fortalecimento da Espiritualidade; Sadeoria – Azul: Educar, trabalhar por uma sociedade mais justa e igualitária; Conselho – Verde: respeitar o meio ambiente e as diversidades; Entedimento – Prata: promover a inclusão social, promovendo a cidadania; Fortaleza – Vermelho: perseverança, resistir aos empecilhos para concretizar objetivos; Ciencia – Amarelo: repassar conhecimentos, promover a autonomia; Piedade - Azul Escuro: Solidariedade, justiça e igualdade.

Para aproximar e realizar um trabalho de conscientização da participação da comunidade na festa, a instituição conta com a parceria da Escola Marina Cintra, que juntos, realizam um trabalho com as famílias de apresenta-lás a historia do bairro, e também construir um projeto de geração de renda e protagonismo social. São pessoas que não se reconhecem no bairro. É um trabalho de resgate até mesmo da própria auto-estima das pessoas e de valorização de seus talentos como artesãos, costureiras e artistas plásticos frequentemente marginalizados pelas suas condições.

Atualmente a equipe de realizadores da festa é muito pequena: contam com no máximo cinco pessoas que buscam todos os recursos para a realização da festa, sendo a figura principal nesta empreitada a presidente da instituição e seu esposo conhecido carinhosamente como Valtinho, moradores da região do baixo augusta, que se indignam com a situação precária que vive essa população marginalizada e sem voz na sociedade. . Atualmente, muito dos moradores colaboram, confeccionando produtos para serem comercializados na festa.

As atrações culturais do evento são iniciadas pelo cortejo da Bandeira do Divino, barracas de artesãos, comidas e espetáculos de grupos musicais, teatrais e de casas de cultura de várias regiões do estado de São Paulo, incluindo: grupo de tambores de maracatu, coral, grupos de afoxé, congada, moçambique, teatro de marionetes, caricaturistas, tambores do divino e apresentações de grupos de teatro de rua. Nas barracas, são vendidos produtos característicos do Divino Espírito Santo confeccionadas pelas famílias artesãs locais, cujos filhos estudam na escolha estadual Marina Cintra. Também acontece a divulgação de projetos da comunidade, Ongs e oficinas temáticas para crianças.

Entre 2008 e 2010, estimou-se que compareceram a festa cerca de 3 mil pessoas, somando-se os três anos, das mais diversas regiões de São Paulo e do Brasil. Alguns impactos começam a surgir por conta da festa. Alguns moradores participantes começam a vivenciar de forma mais integrada na comunidade, fortalecendo seu orgulho em pertencer ao bairro promovendo a criação de outras iniciativas culturais.

No início de 2011, já realizam a preparação da festa e buscando inscrever a festa na lei de incentivo a cultura para conseguir patrocínio para sua realização.

### **Considerações Finais**

É possível constatar que o Divino encontro, realizado pela Ong Sol do Vale, consegue de certa forma, fazer uso positivo dos elementos da Festa do Divino Espírito Santo para realizar um trabalho cultural na região. Essas características podem ajudar a comunidade moradora da região, a buscar alternativas de melhor sobrevivência de suas vidas cotidianas fortalecendo o cenário cultural da região dos bairros da Bela Vista e Consolação, apresentando a população que essa é uma região de pluralidade cultural.

Em tempos atuais, a região é muito famosa por sua forte concentração de bares, locais de entreterimento para jovens e é considerado um “reduto” da diversão das diversas “tribos” paulistanas.

O desejo dos organizadores e colaboradores da festa e que a festa se consolide como um evento cultural oficial, fazer parte do calendário cultural da cidade de São Paulo, assim como é o Revelando São Paulo.

A expectativa do apoio da igreja católica ainda se faz presente, mesmo com todas as dificuldades de compreender que a festa não será algo que tirará o brilho da Igreja, muito pelo contrário.

A festa para São Paulo, pode vir a representar um marco para a região da Bela Vista e Consolação, ainda com predominância das elites, trazendo a população menos provida de recursos sociais um passo importante para o revigoramento social e cultural delas mesmas e da própria região.

## **Bibliografia**

**Amaral, Rita.** Festa á Brasileira: Sentidos do festeja no país que “não é sério”. Tese de Antropologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

**Carvalho, José Jorge de.** A religião como sistema simbólico – uma atualização teórica. Brasília, 2000.

**Caillois, Roger.** L’Homme et le sacré. Paris, Gallimard, 1950 – tradução de Rita Amaral.

**Correa, Fatima.** Organização não Governamental Sol do Vale, disponível em <http://www.soldovale.org.br>, acessado em 18/11/2010.

**Ferreti, F Sérgio.** Os roteiros da fé no Maranhão - Trabalho apresentado na Mesa Redonda O sagrado e o profano na cultura popular, no Simpósio Turismo e Cultura Popular, organizado pelo SESC. São Luís, MA, 2008.

**Gonçalves, José Reginaldo Santos, Contins, Marcia.** Entre o Divino e os homens: a arte nas festas do Divino Espírito Santo. UFRJ, Rio de Janeiro, 2008.

**Hermann, Jacqueline.** No reino do desejado - A construção do sebastianismo em Portugal (séculos XVI e XVII) , São Paulo , 1998.

**Horta, Maria de Lourdes Parreiras e Priore, Mary Del.** Memória Patrimônio e Identidade. Boletim 04, Ministério da Educação, Brasília, Abril 2005.

**Jurkevics, Vera Irene.** A materialidade da Fé - Religious celebrations: the materiality of faith, UTFPR, Paraná, 2005.

**Kornis, Mônica Almeida.** História e Cinema: um debate metodológico. Rio de Janeiro, 1992.

**Lavezzo, Catarina de Queiroz.** As festas do império: a organização da cidade para os dias festivos. Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais, 2003.

**Megiani , Ana Paula Torres.** O jovem rei encantado - Aspectos da construção e personificação do mito messiânico português . Ex. da dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de História da USP , São Paulo , 1995.

**Mendonça, Maria Luiza Martins.** Festas Populares hoje: muito além da tradição. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIV Congresso Brasileiro da Comunicação – Campo Grande /MS, 2001.

**Oliveira, Paulo Fernando da Motta de.** Entre Brasil e Portugal: Os sertões e o Mito Sebástico. UFMG, Minas Gerais, 1996.

**Peres, Léa Freitas.** Dionísio nos trópicos: festa religiosa e barroquização do mundo - Por uma antropologia das efervescências coletivas. Revista eletrônica de turismo cultural – volume 3 nº 1, 2009.

**Peirano, Mariza G.S.** A análise Antropológica de Rituais. Brasília, 2000.

**Pizzinga, Rodolfo Domenico.** Sebastianismo (O mito Sebastianista), disponível no site <http://paxprofundis.org/livros/sebastianismo/sebastianismo.html> acesso em 04/01/2011

**Peirano, Mariza G.S.** A análise Antropológica de Rituais. Brasília, 2000.

**Pollak, Michael.** Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, 1989.

**Quadros, Antonio Gabriel F.** Portugal: Razão e Mistério II. Portugal, 1987.

**Savalli, Elaine Cristina Alves da Costa.** Festas no Brasil Colonia – Uma análise interpretativa. (sem ano e local)

**Souza, João Carlos.** O caráter religioso e profano das festas populares: Corumbá, passagem do século XIX para o XX. UFMS, Dourados, 2002.